

**A LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA EM DOZE ANOS DE
ESCRAVIDÃO: UMA LEITURA ÉTNICO-RACIAL****THE AUTOBIOGRAPHIC LITERATURE IN TWELVE YEARS OF
SLAVERY: AN ETHNIC-RACIAL READING**

SILVA, Alex Sander da
CHAGAS, Jéssica Vicência das

Resumo: Este trabalho analisará a literatura autobiográfica e as questões das relações étnico-raciais na obra *doze anos de escravidão*, escrita por Solomon Northup. O livro narra a trajetória de um homem livre que foi escravizado e buscou sua liberdade. Em um primeiro momento faremos uma exposição dos principais pontos da obra escolhida como campo de análise. Em seguida, trataremos da literatura autobiográfica e as relações étnico-raciais, mais especificamente, analisando algumas passagens da obra. Desse modo, buscar-se-á explicitar como a autobiografia em *doze anos de escravidão* pode contribuir nos estudos literários autobiográficos, bem como, pensar em que sentido esses estudos podem auxiliar na discussão sobre as relações étnico-raciais no contexto de ensino literário atualmente.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Autobiográfica; Formação Identitária; Experiência; Memória Coletiva.

ABSTRACT: This paper will analyze the autobiographical literature and the issues of ethnic-racial relations in the book *Twelve Years a Slave*, written by Solomon Northup. The book tells the story of a free man who was enslaved and sought his freedom. In a first moment, we will make an exposition of the main points of the chosen work as field of analysis. Next, we will deal with autobiographical literature and ethnic-racial relations, more specifically, analyzing some parts of the work. This way, it will be tried to explain how the autobiography in *Twelve Years a Slave* can contribute in the autobiographical literary studies, as well as, to think in what way these studies can assist in the discussion on the ethnic-racial relations in the literary teaching context today.

KEYWORDS: Autobiographical literature; Identity formation; Experience; collective memory.



1 INTRODUÇÃO

As questões étnico-raciais estão diretamente ligadas à educação, sobretudo, a partir da lei 10.639/03 e a 11.645/08 que consistem na normatização da obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Desse modo, cabe a nós professores, orientarmos formas de trabalhar essas questões como nossos alunos, gerando uma reflexão possível sobre a construção da própria identidade, da história e da cultura brasileira.

Ao considerarmos isto, o principal fator motivacional deste trabalho deu-se a partir do interesse em relacionar questões de identidade racial com o ambiente educacional, a fim de discutir e ampliar o tema. Sendo assim, a proposta é aproveitar a questão da obrigatoriedade do ensino da história e cultura da comunidade negra nos núcleos de educação básica e de ensino superior, a fim de articular o conhecimento e a valorização de histórias afrodescendentes no contexto da formação escolar.

Assim, partiu-se do pressuposto de que se tomarmos os materiais literários disponíveis que se aproximam do tema das relações étnico-raciais podemos produzir reflexões sobre a necessidade da promoção da igualdade racial no ambiente escolar. Desse modo, estabeleceu-se como ponto de partida do artigo a aproximação entre a Literatura autobiográfica e as questões étnico-raciais.

Isto posto, pensou-se como campo de pesquisa a literatura autobiográfica de escravos, mais precisamente a obra *Doze Anos de Escravidão – Twelve Years a Slave* em título original. Neste contexto, cabem algumas questões preliminares: Por que trazer uma obra estrangeira¹ para este estudo? Quais as contribuições que esta obra pode oferecer aos estudos das relações étnico-raciais no contexto escolar? Em que sentido a literatura autobiográfica negra pode auxiliar na discussão sobre as relações étnico-raciais atualmente?

Na tentativa de responder a estas questões, primeiramente, apontamos que a escolha da obra pautou-se no fato de ser um cânone na literatura de escravos e no crescente interesse pela mesma a partir de sua adaptação cinematográfica em 2013. A adaptação homônima foi vencedora de melhor filme do Oscar e de melhor filme dramático do Globo de Ouro, ambos em 2014. Em segundo lugar, podemos dizer que a tentativa aqui é possibilitar uma reflexão acerca de conhecimentos que a literatura autobiográfica traz sobre pessoas negras que passaram pelo horror da escravidão.

¹ Até o momento, não se conhece literaturas autobiográficas nacionais de pessoas que foram escravizadas. Todas as obras do gênero “Slaves Narratives” que foram publicadas estão, originalmente, em língua inglesa.



Neste artigo, pretende-se explicitar como a autobiografia *Doze Anos de Escravidão* pode contribuir nos estudos sobre as relações étnico-raciais. Bem como, pensar em que sentido a literatura autobiográfica negra pode auxiliar na discussão sobre as relações étnico-raciais atualmente. Assim, numa primeira seção, faremos uma exposição dos principais pontos de apresentação da obra escolhida como campo de análise. Em uma segunda seção, trataremos da literatura autobiográfica, mais especificamente, de passagens da obra *Doze Anos de Escravidão*, tematizando as relações étnico-raciais.

2 A AUTOBIOGRAFIA DE SOLOMON NORTHUP EM DOZE ANOS DE ESCRAVIDÃO

A obra *Doze Anos de Escravidão* apresenta a autobiografia de Solomon Northup, publicada pela primeira vez em 15 de julho de 1853. Nela o autor relata o tempo passado como escravo depois de ter nascido livre e de assim ter vivido por mais de trinta anos. A narrativa teve notoriedade imediata após sua publicação, segundo Gates Jr (2012, p. 264):

Proporcionou a seus leitores [...] um relato detalhado da escravidão no Sul, incluindo as táticas violentas de proprietários e feitores usadas para forçar os escravos a trabalhar e os assédios sexuais e as crueldades ciumentas que as mulheres escravas padeciam por parte de seus senhores e das esposas deles.

A obra rendeu em seus primeiros quatro meses de publicação 17 mil cópias e em torno de 30 mil exemplares até janeiro de 1855. Recentemente o livro voltou a ter destaque no meio acadêmico, particularmente, devido à sua adaptação cinematográfica em 2013. Ele traz o relato de Solomon, que nasceu livre em julho de 1808 e era um violinista, filho de um ex-escravo, casado e pai de três filhos, e que em 1841 foi enganado e vendido como escravo. Após 12 anos na condição de escravidão, consegue de volta sua liberdade e escreve a autobiografia.

A obra foi um importante marco para o movimento abolicionista dos Estados Unidos, visto que foi a “primeira a documentar um caso desses em detalhes” (GATES JR, 2012, p. 262), assim como outras biografias de escravos que foram escritas e publicadas posteriormente. Somando-se a isto, estas obras romperam com os conceitos comuns à época que somente os brancos possuíam conhecimentos de leitura e escrita e que negros eram intelectualmente inferiores.

Nesse período os negros eram ainda mais excluídos pela comunidade branca que se considerava detentora da linguagem escrita. Neste ponto de vista, Northup vem romper com



essa ideia e marca o início da tentativa de superação desta postura racista.² Conforme Santos (2011), as narrativas de escravos surgiram para delatar os sofrimentos do sistema de escravidão dos Estados Unidos.

Neste sentido, o autor foi conduzido a escrever e publicar suas memórias, não somente como fonte de libertação de tudo que viveu, mas também por saber que sua narrativa de alguma forma valeria para contribuir com a discussão sobre a escravidão no seu país e superar os conceitos deturpados. Apesar de ter nascido e vivido livre antes de seu sequestro, Northup revela que esta condição foi apenas uma casualidade, visto que toda a linha antecessora por parte de seu pai havia sido escravizada e o mesmo fora libertado antes de seu nascimento.

Fica evidente que o autor, apesar de conhecer intimamente a escravidão da comunidade negra, escreve somente sobre a sua relação com a escravidão.

Na obra de Posso falar sobre a escravidão apenas na medida em que foi por mim observada — apenas na medida em que a conheci e vivenciei em minha própria pessoa. Meu objetivo é dar uma declaração simples e verdadeira dos fatos: repetir a história de minha vida, sem exageros, deixando para outros determinarem se as páginas da ficção apresentam um retrato de uma maldade mais cruel ou de uma servidão mais severa. (NORTHUP, 2014, p.17)

Northup, destaca-se quão detalhadas são suas lembranças, pois além dos locais por onde passou, o autor cita nomes de pessoas com as quais foi forçado a conviver e suas experiências como escravo. Há uma narrativa das memórias desde as mais ínfimas até as mais significantes. No início da obra Northup anota que,

Neste relato, a fim de apresentar um relato completo e verdadeiro de todos os principais acontecimentos da história de minha vida e de retratar a instituição da Escravatura tal como a vi e conheci, é necessário falar sobre locais bastante conhecidos e sobre muitas pessoas ainda vivas. (NORTHUP, 2014, p.42)

É uma exposição de memórias seletivas ou não. Segundo Benjamin (2012), a memória é fonte de experiência coletiva³ e olhando nesta perspectiva as memórias de Northup nos traz, além do desconforto perante o sofrimento deste homem, um (re)conhecimento sobre os infortúnios vividos pela comunidade negra, pois podemos depreender a complexidade de todos os momentos vividos pelo autor.

² Entende-se o conceito de racismo como uma ideologia política usada para determinar o lugar social de um determinado grupo social que leva a sua inferiorização e discriminação no tecido social em que está inserido. (Ver: SANTOS, 2016)

³ O conceito de experiência coletiva faz referência ao ensaio obtido em Walter Benjamin – Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 114-119.



Objetivando manter-se vivo Solomon é forçado a negar a si mesmo, distanciar-se de sua identidade individual e apropriar-se da identidade de escravo fugitivo. Não podendo mais assumir-se como homem livre, passa a viver como Platt, nome atribuído a ele na sua condição de escravizado. Por meio da narrativa Northup nos faz depreender que apesar de ter nascido um homem livre e ter conhecimentos de leitura, escrita e música, que dificilmente outro escravo poderia ter, fora percebido tão somente pela cor de sua pele, portanto exerceria as funções impostas como qualquer outro negro que vivera naquela época. Ele era então, somente mais um em meio a tantos outros negros, que carregava o estigma de ser escravizável. Segundo Gates Jr (2012, p.260):

Northup passou a ser, de repente, um estranho para si mesmo, num local ainda mais estranho, como, tendo seu dinheiro e seus documentos atestando o status de homem livre sido roubados, e com uma surra espreitando qualquer tentativa de insistir na verdade, ele foi forçado a assumir um novo e aterrorizante papel.

Acrescentando-se a isto, ele teve a difícil missão de não perder-se em si mesmo, pois estava longe de sua liberdade e sua família, vivenciando então outra realidade que nunca verdadeiramente conhecera, buscando:

Não ofuscar a seus traços psicológicos ao ponto de não mais almejar a liberdade que era sua por direito e, acima de tudo, não cair no esquecimento profundo em função dos traumas. (ALMEIDA; ROCHA, 2014, p. 8).

Apesar de ter sido publicada há mais de 160 anos, a narrativa volta à tona após sua adaptação ao cinema. No caso específico do livro *Doze anos de Escravidão*, trata-se de recuperar uma narrativa dos horrores da escravidão sofrida por homens e mulheres negros e negras. Todavia, apesar da carga de tristeza que a narrativa traz, pode contribuir naquilo que rege as leis 10.639/03 e a 11.645/08, para o reconhecimento e valorização da cultura negra e de suas contribuições à história.

Embora seja uma obra de cunho literário, ela se constitui também como um documento histórico, cuja memória narrativa tem seu lugar. E quando se trata da história e memórias negras, percebe-se uma ausência ou escassez de registro dessas memórias. Mesmo com as diversas políticas de combate ao racismo, a questão das relações étnico-raciais nos amplos espaços sociais ainda é um problema que precisa ser enfrentado.

Nesse sentido, a literatura autobiográfica pode auxiliar na tematização das relações raciais no espaço educativo. A seguir a tentativa é apresentarmos uma leitura possível nesta perspectiva do livro *Doze anos de Escravidão*.



LITERATURA AUTOBIOGRÁFICA E QUESTÕES DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Quando tratamos da autobiografia como parte integrante da literatura, muitos são os pontos contraditórios, pois diversas vezes os próprios críticos literários divergem sobre quais são os limites e o que pertence ou não ao campo literário. Neste sentido, no presente artigo, partiremos do princípio que a autobiografia é sim parte integrante da literatura, visto que para Lejeune (2008 apud Soares 2012, p. 3) a autobiografia é: “Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”.

Segundo Martins (2010, p. 1) a historicidade da autobiografia justifica-se pois, “os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva são os acontecimentos vividos pessoalmente e pelo grupo e pela coletividade à qual a pessoa pertence”. Deste modo a vivência pessoal de Northup e a experiência coletiva da comunidade a qual pertencia têm uma fundamental importância para a sociedade, pois a obra citada não trata somente do tempo passado como escravo e meramente da escravidão, mas sim de toda uma luta, resiliência e resistência da comunidade negra, representadas por Northup. Segundo a introdução (2014, p.9), o livro é:

Narrativa de um cidadão de Nova York sequestrado em Washington em 1841 e resgatado em 1853 de uma plantação de algodão perto do rio Vermelho, na Louisiana.

Ao lermos a obra de Solomon nos deparamos com diversos temas de grande relevância histórica e com características singulares, que segundo Santos (2011), são características comuns nas narrativas de escravos, dentre elas estão o enfoque na violência contra as mulheres, a forte ligação com a religiosidade, a linguagem e a escrita como forma de se libertar da opressão.

A obra também aborda de modo ímpar a violência sofrida pelas mulheres negras, as quais serviam aos seus “senhores” muito além do que as mesmas gostariam, e por isto sofriam também com a tirania de suas esposas. A história de Eliza e seus filhos é um claro exemplo disto.

Eliza era escrava de Elisha Berry, um homem rico que vivia nos arredores de Washington. Ela nascera, acho que disse, na fazenda dele. Havia alguns anos o homem caíra em dissipação e sempre discutia com a esposa. Logo após o nascimento de Randall, eles se separaram. Deixando a mulher e a filha na casa que sempre haviam ocupado, o homem construiu uma moradia ali perto, na mesma propriedade. Para essa casa levou Eliza; e, com a condição de que viveria com ele, ela e os filhos seriam emancipados. (NORTHUP, 2014, p. 44)



Eliza é, no relato, a representação do que viveram inúmeras das mulheres negras escravizadas, tinham filhos com seus senhores, pois viviam em total situação de servidão. No caso de Eliza, por ter vivido como esposa de Elisha Berry, vivendo na mesma propriedade de sua ex-mulher e filha, ela vira vítima da ira dessa família e acreditando que vai ser liberta junto com os filhos, acaba em uma casa de escravos para ser vendida novamente. Nas palavras de Northup:

Exultante à perspectiva da liberdade imediata, ela se vestiu, e à pequena Emmy, em suas melhores roupas, e trataram de acompanhá-lo com felicidade no coração. Ao chegar à cidade, em vez de serem batizadas na família de homens livres, ela foi entregue ao comerciante Burch. O documento que fora lavrado era um certificado de venda. (NORTHUP, 2014, p. 45)

Como penalidade ainda maior para tudo que vivera Eliza acaba sozinha, sem os filhos, que nunca mais voltara a ver. Northup, através da própria autobiografia, citando a passagem da vida de Eliza, vem dar visibilidade à difícil situação vivida pelas mulheres escravizadas que sempre foram silenciadas, tiveram seus anseios subjugados e que vivenciaram tantos momentos pesados quanto os homens. O mesmo acontece quando Northup narra à vida de Patsey, que era a melhor colhedora de algodão da última fazenda em que o autor viveu. Patsey era punida com frequência, não que não conseguisse alcançar a meta na colheita de algodão, mas sim “porque quis o destino que ela fosse escrava de um senhor atrevido e de uma senhora ciumenta” (2014, p. 153). No dizer de Northup:

A pobre moça era realmente um objeto de dar pena. “O velho Cara de Porco”, como Epps era chamado quando os escravos estavam sozinhos, surrara Patsey mais severa e frequentemente do que nunca. [...] Ele a açoitava, apenas para gratificar sua senhora; punia Patsey numa extensão quase intolerável por uma ofensa que ele próprio era o único e irremediável causador”. (2014, p. 160)

Como é possível perceber em diversos momentos da obra, Solomon expõe a trajetória de mulheres e crianças negras que sofreram durante o período da escravidão com o domínio de seus senhores e senhoras, sendo vítimas frequentes da violência presente nas fazendas em que viviam, tanto quanto o próprio Northup ou qualquer outro homem que sofrera com a escravidão. Neste sentido, o autor vem ao encontro com as ideias de Halbwachs (2006, p. 73), que a memória autobiográfica anda em conjunto com a memória social, pois toda a história de vida faz parte de uma história coletiva.

Destaca-se também na narrativa a forte relação com a religiosidade. Assim como em outras narrativas de escravos, a religiosidade ganha um lugar de destaque na vida de Northup e daqueles que passaram por diversos momentos de infortúnio perante a situação da escravidão. Para Azevedo (2014, p. 222), “a historiografia considera que a religião é o centro



vital da vida africana, permeando todas as instâncias da vida social. Ela não está separada da vida, como um departamento descolado”.

Observa-se que para Northup, a religiosidade, além de ter sido passada a ele como princípio, também aparece como prática pessoal de fé e força impulsora nos momentos de maior dificuldade. Nas mais variadas passagens da narrativa constata-se a presença do apego à fé e ao espiritual, como pode-se destacar no momento em que o autor se vê aprisionado e ainda sem entender o que de fato acontecera, recorre a orações:

Foi então que começou a ganhar espaço em minha mente a ideia, a princípio difusa e confusa, de que eu fora sequestrado. Mas isso me parecia impossível. Deveria ser um mal entendido – algum engano fatídico. Não era possível um cidadão livre de Nova York, que não fizera mal a homem nenhum, tampouco violara qualquer lei, ser tratado de forma tão desumana. [...] Senti que não havia confiança ou misericórdia em homens desprovidos de sentimentos; e, voltando-me para o Deus dos oprimidos, deitei a cabeça sobre minhas agrilhoadas mãos e chorei lágrimas amargas. (2014, p. 34)

O mesmo acontece durante a primeira agressão que Northup sofreu ainda no entreposto de escravos, localizado muito próximo ao Capitólio dos Estados Unidos, em Washington, D.C:

Golpe após golpe foi infligido sobre meu corpo nu. Quando seu incansável braço finalmente se fatigou, ele parou e perguntou se eu ainda insistia em ser um homem livre. Eu insisti, e então os golpes recomeçaram, mais rápidos e com mais força, se é que isto é possível. [...] A essa altura o diabo encarnado praguejava as imprecações mais demoníacas. Com a força dos golpes o remo se quebrou, deixando o inútil cabo nas mãos de meu agressor. [...] Roguei por misericórdia, mas minhas preces só foram respondidas com imprecações e novos golpes. [...] Só posso comparar meus sofrimentos às agonias flamejantes do inferno! (NORTHUP, 2014, p. 38-39)

Como se vê, a religiosidade está conectada à primeira experiência de Solomon como escravo. No momento em que se vê preso em um entreposto de escravos e tenta, de forma ineficaz, explicar a sua situação, Northup recorre a orações e referências espirituais para tentar aliviar o seu sofrimento.

Há também na obra, a forma de refutar a crença religiosa dos senhores e senhoras, que se apegavam à religião e seus preceitos. Os mesmos faziam suas pregações aos escravos e jejuavam aos domingos, o chamado Dia do Senhor, mas durante os dias posteriores mantinham atitudes que não condiziam com a prática e os preceitos religiosos. No dizer de Northup:

Como Willian Ford, seu cunhado, Tanner tinha o hábito de ler a Bíblia para seus escravos no domingo, mas num espírito bastante diferente. Ele era um comentador impressionante do Novo Testamento. No primeiro domingo após minha chegada àquela fazenda, ele reuniu todos e começou a ler o décimo segundo capítulo de Lucas. Quando chegamos ao quadragésimo sétimo verso, ele olhou deliberadamente em volta de si e continuou: “O servo que, apesar de conhecer a vontade de seu senhor” – aqui ele fez uma pausa, olhando em torno mais expressivamente do que antes e recomeçando – “apesar de conhecer a vontade de seu senhor, nada preparou”



– outra pausa aqui – “nada preparou e lhe desobedeceu, será açoitado com numerosos golpes”. (NORTHUP, 2014, p. 104 – 105)

Como é possível observar, os senhores das fazendas eram religiosos e tinham o hábito de fazer a leitura da Bíblia aos escravos, entretanto não reconheciam estes homens e mulheres como pessoas como eles, e sim como animais, contrariando e deturpando os preceitos do cristianismo. Olhando para a narrativa de Northup, podemos depreender que a autobiografia de escravos não pode ser facilmente desassociada da religiosidade. Para Santos (2011), separar as narrativas de escravos da experiência religiosa seria dificultar a compreensão das primeiras manifestações culturais da comunidade negra. Nas palavras de Santos:

Para entender o espaço político e cultural nos quais essas manifestações ocorreram, não se pode excluir o contexto religioso e as devidas interações entre senhores e escravos, igreja e comunidade, educação e religião. (SANTOS, 2011, p. 2)

Nesta perspectiva, a inserção da temática religiosa na narrativa é, de fato, além de uma fonte de esperança diante de inúmeros sofrimentos vividos pelo autor, como também uma janela na qual podemos vislumbrar a hipocrisia e o paradoxo da vivência religiosa da comunidade escravagista. Outro ponto de destaque na obra é a identidade de Solomon Northup perante as diversas dificuldades.

Vivendo por doze anos em regime de escravidão, o autor apresenta, além de sua própria identidade, uma identidade coletiva. De acordo com Munanga (2012, p.9), a “identidade individual faz parte do processo de construção do ser, significando sua existência”. Neste sentido, há uma interrupção da identidade de Solomon, que volta a existir após sua libertação e abre-se espaço para a identidade coletiva dos negros escravos do século XIX, portanto, ele não carrega somente o seu sofrimento, mas o de todos que passavam pela mesma situação. Para Munanga (2012, p. 9), identidade coletiva é:

Categoria de auto definição ou auto atribuição, que sem dúvida carrega uma carga de subjetividade e de preconceitos em relação aos outros grupos. A identidade coletiva, em vez de ser uma auto definição ou auto atribuição, pode ser uma identidade atribuída por outro grupo através de outros sinais diacríticos que não foram selecionados pelo próprio grupo.

Por conseguinte, há em diversas passagens da narrativa a auto atribuição de Solomon como sendo ele um escravo e essa percepção da condição de escravo é o que nos faz perceber o quanto o olhar do outro influencia na nossa construção de identidade. Considerando que era por meio da própria identidade que Solomon se afirmava como homem livre, não era suficiente prendê-lo, seus sequestradores precisavam mudar a sua condição de homem livre e para isso lhe deram além de um novo nome, uma nova identidade, para



inclusive inferir uma relação de poder, pois a identidade faz com que uma pessoa se reconheça como tal, é o que a define. Conforme Coelho Silva (2015, p.2):

A produção das identidades e da memória são permeadas por relações de poder que influem de maneira direta nas posições dos indivíduos em sociedade, assim a manipulação de seus conteúdos é perfeitamente possível, já que há interesses a serem atendidos, que nem sempre representam o interesse da maioria.

Ainda segundo o autor, as “relações de poder influem na construção dessa memória coletiva e individual” e é claramente possível perceber o quanto estas relações influenciaram na identidade do Solomon, que por inúmeras vezes se considerou realmente um escravo e não se via mais como um homem que foi escravizado. Embora tenha sido liberto 12 anos após seu sequestro e, conseqüentemente, voltando a figurar verdadeira identidade de Solomon Northup, os traços deixados pela identidade de Platt nunca foram esquecidos por ele e também não passam despercebidos pelo leitor desta narrativa.

Pouco ou nada se fala dos detalhes do infindável sofrimento vivenciado pelos escravos, e isto é algo que não devemos fechar os olhos, pois infelizmente o que foi vivido por eles continua tendo sérios efeitos na construção da identidade da sociedade atual. O que conhecemos até agora, na ampla maioria das vezes, não é sob a perspectiva do próprio escravizado e já que possuímos cânones literários que podem nos trazer fundamentos históricos e que nos mostra que os negros que foram escravizados não eram meramente escravos, mas sim pessoas reais, como qualquer um de nós e que repentinamente se viram nesta situação degradante sem nenhum direito sobre a própria vida.

Solomon Northup nasceu livre e precisou ser sequestrado e escravizado para conhecer o que significado verdadeiro da escravidão. A partir da construção deste artigo, posso dizer que para nos enxergarmos livres, precisamos conhecer os tão execráveis detalhes da escravidão. Precisamos conhecer, debater e aprofundar o assunto, pois por mais lastimoso que tenha sido este passado, ele é real e deixou inúmeras marcas que não se dissiparam, mesmo com o passar dos anos.

Já que este tema precisa ser debatido, é significativo que o façamos com uma história real, que apesar de muito impactar também tem muito a ensinar. De acordo com Gonçalves e Silva (2010, p.41) “se propõe escola onde cada um se sinta acolhido e integrante, onde as contribuições de todos os povos para a humanidade estejam presentes, não como lista [...], mas como motivos e meios que conduzam ao conhecimento”. Sendo assim, mesmo partindo de um assunto doloroso como a escravidão podemos discutir inúmeros pontos importantes da sociedade e da identidade negra.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da construção deste artigo, buscou-se evidenciar em seus aspectos narrativos o potencial desta obra literária e que nos mostrassem se há ou não limites para a utilização da autobiografia como fonte de reflexão sobre as questões étnico-raciais, visto que esta pode ser interpretada como uma recordação real e detalhada do passado.

Neste sentido, pretendíamos demonstrar que a literatura autobiográfica pode contribuir nas reflexões a respeito das temáticas exigidas pela lei 10.639/03 ou pela 11.645/08. Desse modo, entendemos que a potencialidade da literatura autobiográfica está em sua forma de narratividade e de experiência vivida e expressada pelo próprio autor. Essa narratividade e experiência conduz o leitor a uma compaixão reveladora e solidária da condição que foram submetidos homens e mulheres negras.

O sucesso ou o fracasso da Lei 10.639 e da 11.645, dependerá muito da conjugação de esforços da sociedade brasileira de reconhecer as implicações das desigualdades raciais e sociais. Depende também da necessidade de reeducação das relações étnico-raciais, o que significa o reconhecimento da importância de se buscar compreender os valores e lutas da população negra nos contos e narrativas autobiográficas.

Exige-se a valorização e respeito aos processos históricos de resistência negra, que são muito bem expressas nessas narrativas, que no caso de *Dozes Anos de Escravidão* estão testemunhadas no livro. Desse modo, a reflexão sobre a literatura autobiográfica e as questões étnico-raciais se configura na potencialidade pedagógico-formativa das narrativas afro-brasileiras presentes em obras nesse viés.

Esse enfoque precisa estar relacionado com as práticas pedagógicas alternativas, que consideram os textos literários afro-brasileiros, como possibilidade de um melhor entendimento da diversidade étnico-racial. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira impõe aprendizagens entre negros e brancos, nas trocas de conhecimentos, nas quebras de desconfiança e preconceitos mútuos, e um projeto conjunto para construção de uma sociedade justa e igualitária.

Com o término deste artigo, podemos dizer que a luta antirracista permanece, e as novas possibilidades abertas por esse tipo de literatura poderá abranger outras literaturas produzidas por escravos e ex-escravos, visto o potencial que este gênero possui. Desse modo, a busca da identidade negra configura-se numa espécie de estratégia política e cultural de



resistência ao racismo. Essas resistências se manifestam em expressões e valores que muitas vezes passam despercebidas na vida escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maryellen Crisóstomo de; ROCHA, Liana Vidigal. O Sequestro da Identidade de Solomon Northup em '12 Anos de Escravidão'. In: 37º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Foz do Iguaçu: Intercom, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/Oba3Gs>>. Acesso em: 10 set. 2016.

ARAÚJO, Ana Lucia. Doze anos de escravidão e o problema da representação das atrocidades humanas. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 50, p.257-262, jul. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/F1KC4U>>. Acesso em: 22 set. 2016.

AZEVEDO, Amailton Magno. As manifestações afro-brasileiras: Arte, literatura e religiosidade. In: CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCKE, Karla Leandro (Org.). **Formação de Professores: produção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana**. Florianópolis: Dioesc, 2014. Cap. 4. p. 215-224.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre a literatura e história da cultura* (Tradução de Sérgio Paulo Rouanet). 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 123-128.

CHIAVENATO, Júlio José. **O negro no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2012. 240 p.

GATES JR, Henry Louis. Posfácio: A mais completa escuridão. In: NORTHUP, Solomon. **12 anos de Escravidão**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014. p. 259-273. Tradução: Caroline Chang.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. Tradução: Beatriz Sidou.

KADLUBITSKI, Lidia; JUNQUEIRA, Sérgio. Diversidade cultural e políticas públicas educacionais. **Educação**, [s.l.], v. 1, n. 34, p.179-193, jan. 2009. Universidade Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/19846444>. Disponível em: < <https://goo.gl/Pn2XIR>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

MACHADO, Rodrigo Vasconcelos (Org.). **Atas do I Simpósio de Literatura Negra Ibero - Americana**. Curitiba: Imprensa Ufpr, 2015. 216 p.

MARTINS, Gelise Cristine Ponce. A autobiografia como fonte para a história. **Partes**, São Paulo, p.1-2, 02 ago. 2010. Disponível em: < <https://goo.gl/g8GX7C> >. Acesso em: 22 out. 2016.



MUNANGA, Kabengele. Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, jul./out. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/a41DyC>> Acesso em: 06 set 2016.

NORTHUP, Solomon. **Doze anos de Escravidão**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014. 273 p. Tradução: Caroline Chang.

SANTOS, José Paiva dos. **Autobiografia, apropriações e subversões: a literatura negra abolicionista nos Estados Unidos oitocentistas**. 2011. Faculdade de Letras Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em: <<https://goo.gl/efsZzK>>. Acesso em: 01 set 2016.

SILVA, Alexandra Lima da. **Narrativas de vida de ex-escravos como fonte/objeto para a história da educação**. In: Maria Celi Vasconcelos; Verbena Maria Rocha Cordeiro, Paula Perin Vicentini. (Org.). (Auto) Biografia, Literatura e História. 1ed. Curitiba: CRV, 2014, v. 1, p. 129-145. Disponível em: <<https://goo.gl/IfDc7G>>. Acesso em: 01 nov 2016.

SILVA, Daniel Antonio Coelho. Memória, Esquecimento e Literatura: A Reconfiguração das Identidades de Sujeitos Deslocados. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, São Gotardo, n. 11, p.53-64, jan. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/ctrpvN>>. Acesso em: 01 set. 2016.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Estudos Afro-Brasileiros: Africanidades e Cidadania. In: ABROMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Educação e Raça: Perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 37-54

SOARES, Enaldo Pereira. A literatura autobiográfica na teoria literária: introdução às suas principais questões. *Revista Eletrônica Fundação Educacional São José, Santos Dumont*, N. 8, P.2-11, Jun. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/cggwf8>>. Acesso em: 03 Out. 2016.

Artigo submetido em 2017-02-21 e publicado em 2018-05-21